

AS INTERFACES DA NARRATIVA: O CAÇADOR DE PIPAS

Adriana Röhrig¹

Resumo: Este artigo visa a discutir a repercussão da obra *O caçador de Pipas*, de Khaled Housseini, escrita após os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001, quando o Afeganistão passou a fazer parte da mídia – e da vida – dos estadunidenses. Entende-se que tal obra justifica a invasão a um país estrangeiro, pautando-se nas diferenças de governos, culturas e tecnologias entre país invasor e invadido. Tais discrepâncias dizem respeito ao esfacelamento das relações interpessoais, ao crescente individualismo e, por conta disso, à despreocupação com o bem comum e, por isso, à falência de corporações que representem uma coletividade. Além disso, mesmo as instituições basilares estão se desviando das suas funções primeiras, oferecendo proteção e segurança particularizados, perdendo de vista seu caráter unificador da vontade subjetiva e universal. Em se tratando de problemas globais, a questão parece ser ainda mais alarmante. É sob esse viés que o sociólogo polonês Zygmunt Bauman, por exemplo, em sua obra *Tempos Líquidos*, ao tratar do medo que assola a sociedade mundial na contemporaneidade e o círculo vicioso que se fecha com as ações pelo medo inspiradas, aborda não só as consequências do episódio de 11 de setembro, mas as suas causas.

Palavras-chave: Literatura contemporânea. Sociedade contemporânea. Conflitos internacionais.

Abstract: This article aims to discuss the repercussion of the book “O caçador de pipas”, written by Khaled Housseini after September 11th, 2001 terrorists attacks, when Afghanistan has become part of media – and life – of North American people. It is understood this book justifies a foreign country invasion, based on political, governmental, cultural and technological differences between invaders and invaded. Such discrepancies are related to the deterioration of interpersonal relationships, growing individualism, and as a consequence, the common good is neglected taking to failure associations that represent the collectiveness. Besides, even the basic institutions are missing their elementary functions, offering private protection and security, losing sight of the unifying character of subjective and universal will. Dealing with global issues, these questions seems to be even more alarming. It is under this perspective the Polish Sociologist Zygmunt Bauman in his book “Tempos Líquidos”, for example, points out the fear that scare the world society nowadays as a vicious circle, closed on actions inspired by fear. He points out not only the consequences of September 11th episode, but also its causes.

Key-words: Contemporary Literature. Contemporary Society. International Conflicts.

INTRODUÇÃO

Percebemos no mundo contemporâneo o esfacelamento das relações interpessoais, o crescente individualismo e, por conta disso, notamos que as preocupações com o bem comum estão minguando, à beira do desaparecimento. Por isso, o que vemos é a falência de corporações que representam uma coletividade, tais como os sindicatos e as associações; e mesmo as instituições basilares, tais como o Estado, estão se desviando das suas funções primeiras, oferecendo proteção e segurança particularizados, perdendo de vista seu caráter unificador da vontade subjetiva e universal, tal como concebia Hegel. Para este pensador, “o que conta em um Estado é a ação realizada de acordo com uma vontade comum e adotando os objetivos universais” (HEGEL, 2001, p. 88).

Paradoxalmente, o mundo passa a exigir cada vez mais consciência da alteridade, já que, de acordo com o estudioso Edward Said, “o mundo tem uma interdependência efetiva entre as partes que não deixa nenhuma possibilidade genuína de isolamento” (SAID, 2007, p.25). Apesar disso, na literatura ocidental, que é a que minimamente conhecemos e reconhecemos, tem-se construído representações em que subjetividade e relações interpessoais parecem degradadas. *O Caçador de Pipas* configura-se em um exemplo gritante da não-percepção e desvalorização do Outro enquanto sujeito. Mais do que isso, trata-se de uma premeditada supervalorização do Eu em franco detrimento àquele Outro. Poderemos verificar no decorrer desta breve reflexão que o Eu em questão diz respeito aos Estados Unidos e o Outro é tudo ou todo(s) que possa(m) ameaçar a integridade desse Eu, dentre eles o Afeganistão, as forças soviéticas e o Talibã.

1 O CAÇADOR DE PIPAS – PARA QUEM E PARA QUÊ?

Edward Said, em sua obra intitulada *Orientalismo*, considera que “hoje em dia as livrarias norte-americanas estão lotadas de impressos de má qualidade ostentando manchetes alarmistas sobre o islã e o terror, o islã dissecado, a ameaça árabe e muçulmana” (SAID, p. 16, 2007). A esses impressos, apesar da qualidade ser um pouco superior à referida por Said, podemos agregar *O Caçador de Pipas*, de Khaled Housseini, obra que julgamos merecer um olhar acurado, seja pela repercussão que teve desde 2005 (quando chegou às livrarias) até início de 2009 (quando o filme baseado nesse livro foi amplamente divulgado em quase todo o mundo), seja pela visão de mundo por ele veiculada.

Cabe destacar que ambas as obras, tanto a literária quanto a cinematográfica, vêm causando emoções diversas em leitores e expectadores das mais variadas culturas, salvo algumas exceções pontuais como o Afeganistão, onde o livro é proibido. Também nos parece salutar esclarecer que se trata de um livro norte-americano escrito para norte-americanos, após os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001, quando o Afeganistão passou a fazer parte da mídia – e da vida – dos estadunidenses. Pode parecer óbvio que tenham aparecido escritores

justificando a invasão a um país estrangeiro, mostrando as diferenças de governos, culturas e tecnologias entre país invasor e invadido, mas cabe frisar que, entre muitos outros, *O Caçador de Pipas* parece cumprir esse papel.

A narrativa representa a vida de um garoto que passa a infância no Afeganistão e que depois se refugia nos Estados Unidos, estabelecendo comparações entre o tipo de vida em um e outro país. Mesmo que aceitássemos que as comparações fossem inevitáveis, vale esclarecer que o protagonista vai além da mera comparação e afirma categoricamente que sua nova pátria é melhor que a anterior.

Não obstante, a opinião da personagem Amir não se constitui em nada perto do que se poderia denominar unanimidade, pois ele representa o grupo étnico Pashtun – tribo (é verdade) dominante, mas abarcando apenas 42% da população – e mostra, justamente, a visão pashtun do Afeganistão. Os *hazaras*, grupo que compreende aproximadamente 20% da população total do Afeganistão, aparece como uma etnia subalterna e inferior. Isso nos remete à discussão do conceito de nação enquanto unidade de Bhabha, em que ele desnaturaliza o conceito de pertencimento a uma nação e a própria artificialidade do conceito de nação. Bhabha entende a nação como produto de uma estratégia narrativa que reúne e procura homogeneizar povos diferentes. Isso parece se acomodar na representação *O Caçador de Pipas* e marca a constituição de qualquer nação, seja ela oriental ou ocidental, e é perceptível, basta que a olhemos com a devida atenção.

Outro aspecto ao qual vale a pena chamar a atenção é que o protagonista (assim como o próprio autor da obra) fugiu do Afeganistão quando este foi invadido em 1980 pelos soviéticos. Dessa forma, a sua ideia sobre o Afeganistão, a vida e dificuldades daqueles que lá permaneceram (muitas vezes distorcida) é a de um observador externo e distante, e não de quem efetivamente viveu aquela realidade. Por isso, acreditamos não representar uma possível realidade, mas somente um ponto de vista, o que faz da narrativa uma obra monológica. Isto é, a visão de mundo que se mostra é desprovida do efetivo diálogo entre culturas, mais especificamente com o Oriente, embora tenha essa aparência, prevalecendo a ótica ocidental do Afeganistão e a exaltação dos EUA. A obra seria muito mais válida se apresentasse outras perspectivas e não somente uma, deixando que o leitor preenchesse os vazios e pudesse assim chegar às suas próprias conclusões, sem a imposição da narrativa de uma só visão de mundo.

Como já dissemos, a exaltação dos Estados Unidos se dá na obra principalmente através dos olhos de Amir, o protagonista, nas suas falas e no contexto narrativo. Mas nas enunciações de Baba (o pai de Amir), podemos notar um contraponto, como é possível observar na seguinte fala:

- Só existem três povos nesse mundo que são homens de verdade, Amir – dizia ele. E os contava nos dedos: - os americanos, esses heróis fanfarrões; os britânicos e os israelenses. Todo o resto – e, ao dizer isso, costumava fazer um gesto com a mão, acompanhado de um “pfff” - não passa de velhotas mexeriqueiras. HOUSSEINI, 2005, p. 88).

É perceptível certa ironia por parte de Baba ao referir-se aos americanos, uma vez que os adjetiva de fanfarrões, já que forma um paradoxo: heróis são homens de coragem, notáveis por seus feitos e que se arriscam em benefício de outrem; em contrapartida, fanfarrões são indivíduos que alardeiam coragem que não possuem. Talvez resida nessa personagem a única resistência aos Estados Unidos notável na obra.

Outros personagens, apesar de não residentes nos EUA, também servem à função de demonstrar a superioridade daquele país, como Rahim Khan, amigo de Amir residente em Cabul:

- Pelo que vejo, os Estados Unidos infundiram em você o otimismo que fez deles um grande país. Isso é ótimo. Nós, os afegãos, somos um povo melancólico, não somos? Quase sempre ficamos chafurdando em ghamkhori e autopiedade. Damo-nos por vencidos diante das perdas, do sofrimento; aceitamos tudo isso como um fato da vida ou chegamos até a considerá-lo algo necessário (HOISSEINI, 2005, p. 137).

Não bastasse isso, a obra de Housseini representa, também de forma bastante tendenciosa e unilateral, a instalação do Talibã no Afeganistão, talvez com a intenção de ir já convencendo o leitor do caráter maléfico dessa milícia e preparando-o para o desfecho, quando o Talibã será banido. Isso fica claro na seguinte passagem:

Todo o dinheiro que baba gastou, todas as noites em que suou debruçado sobre as plantas baixas, todas as visitas ao canteiro de obras para se assegurar de que cada tijolo, cada viga, cada pedra estavam sendo postos direito...

- Danos colaterais – disse Rahim Khan. – Não queira saber, Amir jan, o que foi circular pelos destroços do orfanato. Havia pedaços de corpos de crianças...

- Então o Talibã chegou...

- Eles foram considerados heróis – retomou ele.

- Finalmente a paz.

- É. A esperança é uma coisa estranha. Finalmente a paz. Mas a que preço? (HOUSSEINI, 2005, p.136).

Pelo exposto, acreditamos que o caráter sectário desta obra se afirma, bem como o seu público-alvo, os EUA, ao qual esta atingiu de maneira precisa, já que, conforme a Editora Nova Fronteira, foram vendidos mais de 2 milhões de exemplares só nos EUA. Além disso, a obra permaneceu mais de um ano na lista dos mais vendidos do New York Times e da Publishers Weekly; foi eleita “O melhor livro do ano” pelo San Francisco Chronicle em 2008; foi selecionada entre os “Dez melhores livros do ano” pelo Entertainment Weekly; no mesmo ano, destacado como “Um retrato tocante do Afeganistão moderno” e reconhecido como “livro notável” pela American Library Association; entre outros efusivos elogios, vindos de praticamente todos os lados do globo terrestre.

2 ALGUMAS NUANCES OBSCURECIDAS?

Tanta aclamação a uma percepção, no mínimo unívoca, da realidade, que apresenta e distorce aspectos de um mundo que é - para o Ocidente - axiologicamente

desconhecido, causa desconfiança. Isto porque o livro é considerado, por milhões de pessoas, um típico best-seller, quase inofensivo, sobre valores como honra, amizade e perdão; e o seria, não fosse a visão, um pouco velada talvez, que permeia o livro e se intensifica no final. Ou seja, um dos livros mais vendidos, lidos e aplaudidos no planeta nos últimos anos enuncia sem pudor uma terra bastante desconhecida no mundo ocidental, passando uma visão caótica do Afeganistão e um olhar violento e satânico do Talibã. Em contrapartida, os Estados Unidos são venerados e as intenções de Bush são apresentadas como boas, positivas e, “finalmente”, compreendidas. Uma bela e poética justificativa de invasão, nem parece uma guerra... Nesse sentido, o desfecho de *O Caçador de Pipas*, com a queda das torres gêmeas e as ações/reações subsequentes, tem um papel fundamental e remete diretamente às considerações de Said sobre esse fenômeno, que na verdade encobre o sofrimento e a destruição produzidos:

Na demonização de um inimigo desconhecido, em relação ao qual a etiqueta ‘terrorista’ serve ao propósito geral de manter as pessoas mobilizadas e enraivecidas, as imagens da mídia atraem atenção excessiva e podem ser exploradas em épocas de crise e insegurança do tipo produzido pós Onze de Setembro (SAID, 2007, p. 22).

Em relação a esse “inimigo desconhecido”, Said (2007) denuncia a falta de uma postura ética e humanista do Ocidente em relação ao Oriente em várias dimensões: na humana ao afirmar “que se perdeu o sentido da densidade e da interdependência da vida humana”, apontando assim para o processo de desumanização; bem como observa que isso se dá em âmbito coletivo pela hegemonia cultural e dominação política exercida pelo Ocidente. A dominação política se justifica pela força, já que, como *O Caçador de Pipas* faz questão de representar, “afinal de contas, diz o coro, a força é a única linguagem que aquela gente entende” (SAID, 2007, p.17). Não obstante, parece não se parar para refletir que o desconhecimento da cultura e, principalmente, da língua acaba por mistificá-las e impossibilita o desenvolvimento da consciência de que o Outro é sujeito, o que bloqueia qualquer possibilidade de humanização dessa alteridade.

Seguindo a reflexão, no que tange à queda das Torres, vale reproduzir o fragmento da obra:

Em uma manhã de terça-feira, em setembro passado, as Torres Gêmeas vieram abaixo e, da noite para o dia, o mundo mudou. De repente, a bandeira dos Estados Unidos estava por toda parte, nas antenas dos táxis amarelos que circulavam pelo trânsito da cidade, na lapela dos pedestres que andavam pelas estradas em fluxo constante, até mesmo nos gorros imundos dos mendigos de San Francisco (Housseini, 2005, p.238).

É curioso nessa passagem o narrador afirmar que o mundo mudou, relatando que a bandeira dos EUA estava por toda a parte, porém observamos nesse fragmento uma alusão localizada, em que o ponto geográfico mais distante é San Francisco, como se o mundo todo se resumisse àquele país. A distância maior que, forçosamente, se encolhe na narrativa reside no fato de as bandeiras dos EUA estarem até nos gorros imundos dos mendigos, levando-nos a considerar a hipótese

de que, por pior que fosse a situação econômica desses “cidadãos” americanos, naquele momento o espírito de unidade nacional era mais forte.

Outro trecho que chama muito a atenção é o imediatamente subsequente, que narra os ataques dos EUA após a queda das Torres e a consequente saída do Talibã do Afeganistão. “Logo depois dos ataques, os Estados Unidos bombardearam o Afeganistão, a Aliança do Norte entrou no país e o Talibã bateu em retirada, correndo como ratos para se esconder nas cavernas” (Housseini, 2005, p.238).

O sociólogo polonês Zygmunt Bauman, em sua obra *Tempos Líquidos*, ao tratar do medo que assola a sociedade na contemporaneidade e o círculo vicioso que se fecha com as ações por ele inspiradas, aborda não só as consequências do episódio de 11 de setembro, mas as suas causas. Fundamenta sua argumentação na mudança de paradigma que vem sendo observada em relação à função de proteção do Estado. Segundo Bauman (2007), houve um deslocamento da proteção coletiva institucionalizada exercida pelo Estado para uma proteção às pessoas de forma individualizada. Houve “um desmantelamento das defesas constituídas e mantidas pelo Estado contra os tremores existências, e com os arranjos para a defesa coletiva” (BAUMAN, 2007, p. 20) e “as mensagens dirigidas dos centros de poder político tanto para ricos como para os infelizes apresentam ‘mais flexibilidade’ como a única cura para uma doença já insustentável: a privatização dos problemas, mais solidão e impotência” (BAUMAN, 2007, p.20), gerando assim cada vez mais incerteza em relação ao mundo e ao futuro. Nesse sentido, os discursos políticos eleitoreiros prometem a proteção pessoal contra inimigos, muitas vezes imaginários, sendo a figura do terrorista a representação preferida.

Para Bauman (2007), “numerosos indícios da imanente passagem da legitimação pelo poder do Estado para a proteção pessoal do Estado” (BAUMAN, 2007, p.22) já podiam ser vistos muito antes de 11 de setembro, “ainda que as pessoas precisem do choque proporcionado pelas torres caindo em Manhattan”, queda esta muito reprisada em cadeia mundial em todas as formas de mídia. A menção a tal episódio na obra *O Caçador de Pipas*, o suposto sentimento de nacionalismo aflorado após este, conforme pudemos observar na citação que o relata, e a suposta solidariedade do mundo (ocidental) em relação à tragédia vivida pelos EUA reiteram a justificativa de violência e invasão praticada por este país após o ocorrido.

Bauman chama a atenção para a indústria do medo, o desejo de lucrar com ele, enfatizando que “muito antes dos eventos de 11 de setembro render-se a essa tentação – juntamente com a oportunidade de recorrer aos seus assustadores benefícios – era algo que já havia sido bem pesquisado e testado” (BAUMAN, 2007, p. 23). Não podemos deixar de registrar que pensar tais atrocidades como algo cientificamente comprovado configura-se em algo ainda mais assustador e abominável, obrigando-nos a acreditar cada vez menos na humanidade, bem como nos leva a considerar a hipótese de que realmente existem “interesses comerciais poderosos que ajudam a insuflar o medo do terrorismo” (BAUMAN, 2007, p. 28).

Nessa mesma linha, Bauman (2007) pontua as consequências de 11 de setembro, representação que podemos observar no fragmento da narrativa que relatada o ataque às torres (ver citação Housseini, 2003, p.238). Ou seja, Bauman volta o seu olhar para as reações, para as vítimas produzidas desde então. Segundo ele, “a guerra contra o terrorismo, declarada depois do atentado ao World Trade Center, já produziu muito mais ‘vítimas colaterais’ inocentes do que o próprio atentado” (BAUMAN, 2007, p.26). Para este sociólogo, o estopim da violência e a guerra contra o terrorismo são o próprio medo. Nas suas palavras “a matéria-prima e o principal resultado da guerra travada contra os terroristas acusados de semear o medo têm sido, até agora, o próprio medo” (BAUMAN, 2007, p. 29).

3 O AUTOR E SUA OBRA

Sobre a autoria do livro vale ressaltar o fato de Khaled Hosseini ter nascido em Cabul, em 4 de março de 1965, sendo, portanto, um romancista e médico afegão, porém com naturalização estadunidense. Julgamos que, além de o autor ter se aproveitado de forma perspicaz de um momento de extrema fragilidade mundial para encher seus cofres de vil metal, ele serviu ao que vínhamos chamando de indústria do medo; por outro lado, o lugar de onde enuncia Housseini é bastante estratégico e ao mesmo tempo delicado, pois como médico é um cidadão respeitado e como afegão é um sujeito em que se coloca um suposto saber sobre o mundo do qual se propõe a falar. Isso parece dar um status de verossimilhança tamanho à obra que grande parte do público leitor esquece de que se trata de um romance ficcional (ou seria intenção do autor falar do mundo concreto?).

Esse fenômeno pode ser verificado em muitos depoimentos de leitores, já que expressões como “ver a vida com outros olhos” e “enxergar a verdade” predominam quando a intenção é descrever e recomendar esse livro. A pergunta que fica é: Com que olhos as pessoas estão vendo a vida a partir da leitura deste e que verdade é essa que dizem estar enxergando? As hipóteses a que a própria leitura do livro leva assustam. Por tudo isso, ocorre-nos que essa obra pode muito bem ter sido, se não encomendada pelo Pentágono e a Casa Branca, pelo menos muito bem aproveitada por estes.

Essa suposição se baseia em Said (2007), em especial em seu argumento de que não haveria guerra se não houvesse sido desenvolvida de forma muito sistemática uma cultura de não-reconhecimento do Oriente e dos seus valores. Ou seja, que não teria guerra “sem um sentimento bem organizado de que aquela gente que mora lá não é como ‘nós’ e não aprecia ‘nossos’ valores” (SAID, 2007, p.16). A obra de Housseini parece, pois, colaborar justamente para reforçar o estranhamento em relação a esse Outro.

Retomando a questão da língua e cultura, levantamos a hipótese de que Housseini, em *O Caçador de Pipas*, quer driblar o nosso desconhecimento da cultura afegã oferecendo-nos, seus leitores, no decorrer da narrativa, algumas expressões linguísticas que nos dão a falsa impressão de apropriação da cultura do povo de onde estas provêm. Além disso, o autor cita e descreve alguns costumes que podem igualmente servir para criarmos a ilusão de conhecimento daquela cultura. Ou seja, o

engodo do livro é tentar se vender como uma mensagem afegã ao mundo. Para isso, o autor usa incansavelmente palavras persas inseridas no texto, explicando-as logo em seguida. Talvez, para um afegão que fosse ler o livro, isso soaria excessivamente repetitivo. Por outro lado, para um não-afegão pode transmitir a ideia de que o escritor é um nativo do Afeganistão e, portanto, uma espécie de porta-voz do seu povo. Dentre as expressões, vale citar algumas a título de ilustração:

***Zendagi migzara* – a vida continua; *Bakhshida*: está perdoado; *Qiyamat Dhul-hijjah*: Dia do Juízo Final – último mês do calendário muçulmano e o primeiro dos três dias dos Eid Al-adha, quando se celebra o episódio em que o profeta Abraão esteve a ponto de sacrificar o próprio filho a Deus. *Sherjanji*: Batalha de poemas; torneio anual realizado no Ano-Novo: *Buzkashi*; derrube – torneio de pipas e a expressão *Boboresh* –; *Yelda* – primeira noite do mês *jadi* – primeira noite de inverno.**

Como já afirmamos anteriormente, entendemos que, apesar de a obra trazer elementos linguísticos, culturais e geográficos sobre o mundo oriental, estes não se fazem suficientes para que produzamos um efetivo reconhecimento do mundo afegão. Isso porque como manifesta Bahba, “o apagamento do conteúdo na invisível, porém insistente, estrutura da diferença linguística não nos conduz a um certo reconhecimento geral e formal da função do signo” (BAHBA, 2007, p. 230). Isto é, mesmo que o autor nos apresente alguns vocábulos e fragmentos da cultura afegã, estes não permitem que nos apropriemos das significações sociais de dadas enunciações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fernandez (2006) argumenta que, ao invés de pensar o Eu como formal e lógico (cartesiano), precisamos entender o Ser como um Eu material em relação ao Outro, que é quem lhe dá o sentido de existência. Sob esse prisma é impossível Ser sem alteridade, sem considerar as nuances do mundo, desconsiderando, por exemplo, a diversidade cultural existente nele. Em se tratando de relações continentais, internacionais, culturais ou, em última instância, humanas, para que se tenha consciência ontológica do Outro é preciso conhecê-lo sem querer dominá-lo, já que o Outro não é mero objeto e sim uma entidade subjetiva, ou um sujeito, tanto quanto o Eu o é. Said corrobora com Fernández no que tange à impossibilidade de o Ser viver isolado e fechado em si mesmo, na ilusão da autossuficiência, à medida que, em sentido amplo, afirma (é pertinente repetir) que “o mundo tem uma interdependência efetiva entre as partes que não deixa nenhuma possibilidade genuína de isolamento” (SAID, 2007, p.25).

A interdependência, entretanto, entre o Ocidente e o Oriente tem se estabelecido, historicamente, em uma relação de “poder, dominação, de graus variáveis de uma hegemonia complexa... O Oriente não foi orientalizado só porque descobriu que era oriental em todos aqueles aspectos considerados lugares-comuns por um europeu comum do século XIX”, (SAID, 2007, p. 32) mas também porque se submeteu a essa transformação.

Enfim, a partir das questões colocadas em pauta, parece-nos útil, sensato e, por que não dizer, necessário, antes de aprovar e idolatrar os ataques do EUA pós-queda das torres gêmeas, nos apropriarmos minimamente do mundo afegão, sua história e sua cultura, além de recorrermos à memória para lembrar que o mesmo Talibã que os Estados Unidos desprezam em outros tempos foi financiado pelo mesmo país (EUA) para que tal milícia varresse os russos do Afeganistão. E só após o exercício da ponderação, pormos em xeque as verdades forjadas por Housseini.

Por outro lado, há muitos silêncios na obra e esses não-ditos chamaram muito a atenção, e foi o que possibilitou, justamente, questionar a visão veiculada pelo livro. Contudo, infelizmente, a criticidade não é uma habilidade muito desenvolvida, mesmo no meio acadêmico, e o mais comum é vermos leitores comprando cegamente a ideologia que o livro quer vender. Por isso, cabe-nos dilatar o olhar dos mais desavisados ou distraídos, pois a teia está bem tramada e a intenção nos pareceu pouco nobre.

A ideologia veiculada pelo livro nos remete aos conflitos intracontinentais ou intraculturais, apresentados por Said (2007), reiterando que “a teia de racismo, esteriótipos culturais, imperialismo político, ideologia desumanizadora que reprime os árabes ou os muçulmanos é realmente muito forte” e que a situação é ainda pior nos Estados Unidos, onde, observa esse autor, “nenhuma pessoa academicamente envolvida com o orientalismo jamais se identificou de todo o coração, cultural e politicamente, com os árabes” (SAID, 2007, p.59). Todavia, vale frisar que, mesmo com esse olhar, Said ainda acredita que “com a prática ativa do discurso racional, secular e profano”, os conflitos podem ser atenuados. Ele vê, portanto, o humanismo, a razão e a comunicação como propulsoras das transformações que julga necessárias no cenário mundial.

Apesar de posturas mais otimistas, acreditamos que, enquanto o Ocidente, em especial os EUA, não se despir do seu Eu cartesiano, todo-poderoso, somente consciente de si e para si, forçando ainda o exercício, nas palavras de Fernández, dos “poderes da Razão de um sujeito ou grupo hierarquicamente privilegiado”, não haverá espaço para que valores de outras culturas se solidifiquem ou pelo menos dialoguem de forma igualitária e fraterna, como, utopicamente, almejam em maior ou menor grau os pensadores aqui citados. Haverá tão-somente, como enfatiza Said, lugar para “fábulas inverificáveis e as mesmas vastas generalizações com o propósito de sacudir a América contra o diabo estrangeiro” (SAID, 2007, p. 16).

REFERÊNCIAS

BAHBA, Homi. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

BAUMAN, *Zygmundt. Tempos Líquidos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

FERNÁNDEZ, Álvaro B. Márquez-. De La filosofía de La alteridad a la ética de La convivencia ciudadana. In: **Cultura e alteridade: confluências/** Org. TREVISAN, Amarildo & TOMAZETTI, Elizete. Ijuí: Ed. Unijuí, 2006.

HEGEL, G. W. **A Razão da História**. São Paulo: Centauro, 2001.

HOUSSEINI, Khaled. **O Caçador de Pipas**. São Paulo: Nova Fronteira, 2005.

SAID, Edward. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.